
SENSUALIDADE FEMININA NO CINEMA: O FASCÍNIO PRIMITIVO E A CONDENAÇÃO ETERNA.

*LEANDRO, Tatiane da Costa; FILHO, Dácio Pinheiro Carvalho; BELMINO, Marcus Cezar de Borba

Faculdade Leão Sampaio – Juazeiro do Norte (CE), Brasil.

Recebido em: 08/12/2014; Aceito: 16/01/2015; Publicado: 26/02/2015

RESUMO

Introdução e objetivos: Considerando que a relação entre os sexos mudou ao longo da história, pretende-se demonstrar como ela foi apropriada pelo cinema, traçando o caminho percorrido na busca pelo prazer. Em especial a figura feminina em seu papel primordialmente paradoxal, ocupando nos discursos cotidianos a significação, ao mesmo tempo de fonte de vida e prazer, gerando fascínio, e origem do mal, promovendo toda sorte de acusações. **Metodologia:** Para tanto, neste trabalho, buscou-se uma investigação bibliográfica sobre o assunto focando, prioritariamente encontrar alento, dentre outras, nas expressões libertárias diante da repressão sexual da figura revolucionária de Paul Goodman, novelista, crítico literário, anarquista e psicoterapeuta norte-americano do cenário dos anos 1960. **Resultados e discussão:** Nesse sentido, entendemos Paul Goodman como um excelente interlocutor da problemática da repressão sexual e, constatou-se que ele pode ser um autor interessante para pensar essas questões na vivência da sexualidade feminina. **Conclusões:** Aliado com outros autores em voga, percebemos que até hoje, a vivência da sexualidade feminina no cinema ainda é vista como tabu, um dado cultural que merece maiores investigações para desvendar essas questões.

Palavras-Chave: mulher; cinema; Paul Goodman.

ABSTRACT

Introduction and objectives: Whereas the relationship between the sexes has changed throughout history, we intend to demonstrate how it was appropriated by the film, tracing the path taken in the pursuit of pleasure. Especially female figure in his primarily paradoxical role, occupying in everyday discourse meaning, while the source of life and pleasure, generating fascination and origin of evil, promoting all sorts of objections. **Methods:** Hence, in this work, we sought a bibliographic research on the subject focusing primarily find encouragement, among others, the libertarian expressions on the sexual repression of revolutionary figure of Paul Goodman, novelist, literary critic, an American anarchist and psychotherapist scenario 1960s. **Results and discussions:** that sense, we understand Paul Goodman as an excellent problem of communication with the sexual repression, and it was found that it can be an interesting author to think these issues in the experience of female sexuality. **Conclusion:** Allied with other authors in vogue, we realize that to date, the experience of female sexuality in cinema is still seen as taboo, a cultural item that deserves further investigation to unravel these issues.

Key-words: woman; cinema; Paul Goodman

* Tatiane da Costa Leandro - Graduação em Psicologia - Faculdade Leão Sampaio. Av. Leão Sampaio, Km 03 – Lagoa Seca. Juazeiro do Norte, Ceará – Brasil. E-mail: tatianecosta965@gmail.com

Introdução

Surgido como forma de expressão artística tardia já no final do século XIX, o cinema apresenta traços estéticos, ideológicos e sociais herdados das linguagens e expressões que o antecederam em especial o teatro, a literatura e a fotografia. Possui como originalidade fundamental apenas a montagem, sendo esta a pincelada expressiva do cineasta na intenção real de sua obra. É, portanto, impraticável entender a representatividade da sensualidade feminina no cinema sem que se considere a longa trajetória dessa mesma representatividade na literatura, teatro, pintura e fotografia, bem como é inegável a influência de mais de dois mil e quinhentos anos de escritos filosóficos sobre sexo, erotismo e sensualidade na construção das questões de gênero abordadas nos filmes.

Pretende-se aqui fazer uma reflexão que tem como ponto de partida uma constatação óbvia, segundo Onfray apud Gerbase (2008) desde que o ser humano alcançou seu estágio histórico (a invenção da escrita), a mulher ocupa uma posição paradoxal, significando, ao mesmo tempo, fonte de vida e prazer, gerando fascínio, e também origem de todo mal, provocando toda sorte de acusações. Se nos primórdios, a sociedade era matriarcal, as mulheres comandavam o mundo; se em mitos que antecederam a Grécia heroica, o feminino dialogava em pé de igualdade com o masculino, enfim, se um dia as coisas foram diferentes, de acordo com Gerbase (2008) tudo isso parece ter se esvaído em processos masculinizadores poderosos.

Considerando a relação entre os sexos e suas transformações ao longo da história, este trabalho pretende demonstrar como o cinema apropriou-se deste arquétipo feminino construído socialmente. Pretende-se a partir de uma rápida revisão da repressão sexual – em especial do corpo feminino – chegar às suas consequências na representatividade sensual na indústria cinematográfica como espelho das normas sociais tradicionais, introjetando-as de modo quase subliminar ao inconsciente do espectador. Os valores mudam com o tempo e com eles os costumes e relações, com o cinema não é diferente. Para tanto busca-se arcabouço teórico nas figuras de Paul Goodman, nas representações de poder de Foucault e na filosofia hedonista de Michel Onfray.

Metodologia

Na construção desta pesquisa foi utilizada a classificação bibliográfica, que segundo Gil (2010), é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, enfim, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer tipo de pesquisa, mas também se esgota em si mesma.

Para esta pesquisa utilizou-se como base livros e artigos, extraídos do SCIELO e da base de dados do Google Acadêmico. Adotou-se uma ótica multidisciplinar, articulando saberes da Sociologia, Antropologia e Psicologia. Para explicar os elementos constituintes deste trabalho, apresentou-se como de fundamental

importância o trabalho de Paul Goodman, que versa acerca dos processos de individualização e o conflito criado entre a sociedade moderna e a institucionalização das relações, bem como as representações de poder de Michel Foucault e filosofia de Onfray. Ao delimitar o objeto de análise o material foi reduzido, sendo excluídos aqueles que se distanciaram do objetivo da pesquisa, tanto por relevância de conteúdo como por defasagem temporal, para tanto foram mantidos livros clássicos, buscando-se atualização nos periódicos mais recentes. O material utilizado mostrou-se referencialmente contundente, útil em suas propostas e capaz de promover a argumentação teórica necessária.

Resultados e Discussões

Onfray apud Gerbase (2008), apresenta que cada vez mais fortemente enraizado pela religião judaico-cristã e pela filosofia ocidental, estabeleceu-se um longo processo de transformação dos homens, animais terrenos sexuados, em anjos, seres celestiais castrados. Às mulheres restou apenas a eterna posição de Eva: aquela que foi criada após o homem, a partir de um pedaço de carne sua, fabricada para aplacar sua solidão, transformando-se posteriormente em sua desgraça, já que o leva a comer do fruto proibido, seduzindo-o vilmente. Paul Goodman ataca violentamente toda essa tradição repressora, propondo que os indivíduos lutem por uma sociedade sexualmente libertária, de busca do prazer fora das regras do casamento, de afastamento dessas pretensões de perfeição impostas pelas normas atuais, uma vez que essa pureza do ideal ascético tão pregada seria a causa de muito mais frustrações que prazeres. Vê-se que desde Platão até Schopenhauer a filosofia sempre lançou críticas ao corpo, a seus sentidos, à sua sensualidade, sempre por meio de discursos que foram adaptados às normas morais vigentes, porém que mantém traços em comum para esses pensadores, o homem só poderia pensar corretamente, viver racionalmente, conviver civilizadamente, agindo como se o sexo fosse um inimigo, reprimindo-o de todas as formas.

Essa fúria moralizadora está presente na essência das posições dos principais filósofos ao longo da história, desde os primórdios com Platão e o Mito da Caverna, onde condena o mundo material e afirma a supremacia de um mundo das ideias, para tanto devendo o homem afastar as emoções; Epicuro aborda o domínio das paixões pela razão, devendo o homem ignorar desejos e prazeres, suprimi-los, aceitando a dor e a morte. Entrando no período da Grécia Antiga a ideia de castrar o membro masculino para impedir que o desejo contamine a carne torna-se habitual, existindo instrumentos e eventos ritualísticos de purificação para isso.

Com o passar do tempo o Cristianismo adota essa ideia de mutilação física em uma castração psicológica com o intuito de erradicar o desejo. Ainda dentro do cristianismo pensadores como São Jerônimo, Santo Agostinho, São Bernardo e São Tomás de Aquino mantinham forte a ideia de assexualidade do homem virtuoso. Pregando as ideias de Platão às massas, condenando corpo e carne como inimigos do homem e

declamando que a alma só poderia ser salva se antes todos os desejos e alegrias do corpo fossem exterminados. Defendiam, a exemplo de São Tomás de Aquino, que a única relação sexual admissível entre homem e mulher é aquela destinada exclusivamente à procriação, dentro de um casamento cristão. Sem prazer, uma vez que beijos e abraços se fazem com vistas à satisfação sexual, sendo portanto pecados mortais.

O desejo era visto como doença, que merecia ser estudada, uma espécie de loucura que reduzia homens a animais. Mesmo filósofos mais contemporâneos como Rousseau e Kant mantinham a rigidez

primitiva envolvendo a sexualidade na mesma áurea negra que Platão séculos atrás. Rousseau acreditava que o sêmen fizesse parte da essência do homem e o ato de masturbar-se seria um desperdício dessa essência, promoveria o enfraquecimento do corpo e o adocimento, já Kant afirmava ser necessário satisfazer os desejos do corpo, porém tudo de forma rígida, segundo as normas rigorosas da sociedade, dentro de uma união cristã, entre duas pessoas de sexos diferentes para posse perpétua e recíproca de seus atributos pessoais.

Schopenhauer por fim retoma a ideia de emissão de esperma como algo danoso equivalente a perder parte da alma e constrói a definição de que o ato sexual em si é um ato suicida, uma vez que abrevia a existência. Para ele o sofrimento é o fundamento de toda a vida. Esse breve resumo histórico parece aterrador, era de se esperar uma maior diversidade de opiniões sobre o corpo e a sexualidade, uma vez que tantos sistemas de pensamento, tantas visões de mundo se sucederam ao longo dos séculos. Seria o sexo imune à evolução do pensamento? Eis que em meados do século XIX surge Nietzsche, um revolucionário na história da Filosofia que ataca com vigor toda essa tradição de pureza ascética apresentada até então. Sua visão da moral e os reflexos do seu pensamento atingiram densamente o século XX, sendo que só a partir dessa gigantesca ruptura começaram a surgir novos elementos na análise da sexualidade, culminando nas ideias libertárias de Paul Goodman, nas discussões sobre as relações, o prazer e o sexo. Michel Foucault, leitor de Nietzsche, em seu *Microfísica do Poder* (1979) descreve o que chama “hipótese regressiva”, alertando por sua vez que o poder seria muito mais fraco se fosse apenas negativo, coercitivo diretamente. Lembra ainda que o poder, em sua positividade, criou o discurso sobre o sexo, fez nascer uma “sexualidade” científica, antes disso, incentivou homens e mulheres, a falar sobre sexo nos confessionários da Idade Média, uma forma sutil de coerção, uma vez que o ato falado e penitenciado tinha como intuito única e exclusivamente sua impraticabilidade (1979, p. 230).

Remeto agora ao cinema erótico. Seriam as cenas sensuais apenas discursos fabricados pelo poder para regular e controlar a atividade sexual da sociedade? Uma vez é impossível extingui-la ou definitivamente transformar homens em anjos. Foucault (1979) identifica então uma progressividade histórica no controle do sexo, não tendo mais uma base apenas repressiva. Afirma que por volta dos anos 1960 descobriu-se que os controles da sexualidade poderiam se atenuar e tomar formas

distintas, restando estudar de que corpo a sociedade necessita atualmente.

Em seu artigo *Pornografia e Revolução Sexual* (1962), Paul Goodman também mostra como essa coercitividade rígida e diretiva é contraproducente, afirmando que os esforços e proibições destinados a punir determinadas atividades não surtem o menor efeito e inclusive chegam a

incrementar o mal que se supunha que iriam remediar. Para Goodman a sexualidade é atualmente bastante aceitável, porém é ao mesmo tempo, a origem de um sentimento de culpabilidade, como algo delitivo. O cinema, enquanto produto e produtor da modernidade, enriqueceu o emaranhado dos discursos pictóricos e literários sobre o sexo, de início timidamente, uma vez que a censura era

ferrenha, e depois, com a ascensão dos cinemas novos dos anos 1960, por meio de situações e imagens cada vez mais explícitas.

Goodman (1973), ainda se refere à censura descrevendo-a como aquela que perverte com sua ação manipuladora o clima sexual da comunidade, escondendo-se sob o manto de protetora da inocência, da infância, sendo na verdade um poderoso instrumento de repressão social. O surgimento da fotografia no século XIX revolucionou a forma como o corpo humano era representado. Permitiu a criação de imagens ontologicamente diferentes dos desenhos e das pinturas, já que por mais realistas que fossem os artistas plásticos tradicionais, seu modo de trabalho era muito diferente do de um fotógrafo.

Paulatinamente os aperfeiçoamentos técnicos permitiram o início das fotos eróticas, o nu exclusivamente feminino, neste momento nada muito distante das posições dos nus dos desenhistas e pintores da época, já que muitos fotógrafos iniciantes eram anteriormente artistas plásticos. Surge aí uma diferença entre a arte pornográfica e a fotografia erótica, na primeira as posições e expressões eram tidas como mais lascivas, insinuantes, obscenas, enquanto que na arte erótica preservava-se uma áurea mais etérea, contida, não raro certa inocência.

Se na fotografia a figura feminina não esboçava qualquer sinal de perigo ao homem, com o surgimento do cinema a situação converteu-se no completo oposto. Exemplo disso é o surgimento das *vamps*, estereótipo já apresentado nos tempos do cinema mudo, por volta dos anos 1910. *Vamp* é uma forma reduzida de vampire personificado na síntese plástica da equação sexo-morte, tendo como componente principal a figura da mulher sedutora e assassina. Esse estereótipo foi exaltado em Hollywood, mulheres belas, com olhos expressivos sempre marcados por maquiagens pesadas, com figurinos ousados que valorizavam seus corpos, personas sedutoras e fatais.

Uma relação onde a consequência era um feitiço natural da feminilidade, a personificação de uma mulher sedutora, porém mal intencionada que todos os homens desejam e que uma vez dominados, enfeitados pelos seus próprios instintos sexuais estão condenados à decadência moral e à morte. É interessante perceber que a figura de mulher-fatal do cinema mudo ultrapassa toda a história da sétima arte como uma espécie de signo permanente do perigo da sedução

feminina. Tem-se aqui novamente o que Foucault e Goodman afirmavam antes, em vez de abolir o sexo e a sexualidade dos filmes, algo impossível, mostra-se muito mais eficiente criar certo discurso ético nas telas, sempre com cunho moralista, que pune o homem transgressor, o interessado nos prazeres sensuais fora do círculo casamento-procriação.

Todo esse contexto sutil de coercitividade faz surgir uma indagação por que a fotografia erótica do século XIX, que não condena a sensualidade feminina, é substituída pela representação moralista e incriminadora da mulher produzida pelo cinema? Possivelmente a resposta esteja na narratividade dos filmes, inscritos num tempo fixo e determinado pela montagem. Mais uma vez Paul Goodman (1962) apresenta a ideia de que em nossa cultura se espera de um artista que ele seja capaz de comover seu público, o poder de arrancar-lhes lágrimas, indignar-se, sentir ódio, porém é inadmissível que desperte desejos eróticos, sexuais.

A foto de uma mulher nua tem maiores chances de ser considerada artística do que o filme de uma mulher nua, porque no filme ela tem que fazer alguma coisa, tem que viver aquele erotismo no tempo e no espaço e não apenas criar um signo erótico que pode ser livremente manipulado pelo espectador. Os fotógrafos, por sua vez, empurram para o consumidor a responsabilidade pelo uso erótico excessivo de suas imagens. Então o cinema encontrou uma forma de responder à acusação sobre a imoralidade de determinadas cenas, por exemplo quando um homem adúltero faz sexo com a amante, costuma-se colocar na trama um castigo ao adúltero: ou o homem morre, ou tem um final triste e de sofrimento.

Conclusão

Como nos demais horizontes, a mulher conquistou no cinema aspectos mais amplos do que tinham no início do século anterior. Segundo Gerbase (2008), a mulher está indissociavelmente unida ao mundo masculino e, conseqüentemente, tão exposta quanto o homem a tudo que pode abalar o mundo. O escapismo para a representação de um sexo sem culpa e responsabilidades morais é o cinema pornográfico, abrindo mão de história, conteúdo, quase sempre retirando dos corpos envolvidos parte de sua humanidade.

Goodman em seus Ensaios Utópicos (1962) demonstra que esta é uma forma encontrada pela sociedade de reprimir os impulsos sexuais que mais falha do que consegue cumprir com o que pretende. Essa representação do corpo feminino continua hegemônica, com sinais do surgimento de outras formas de representação, menos repressivas e mais libertárias, a exemplo de Pedro Almodóvar, Sophie Coppola e grandes produções eróticas que apresentam cenas de sexo explícito, porém fogem ao padrão pornográfico. No auge do pragmatismo a indústria cinematográfica continua apresentando a mulher como grande paradoxo, sendo ao mesmo tempo, origem da vida e do prazer e algo temível, irresistivelmente mortal, mesmo que isso resulte em infelicidade psíquica, de certo modo parece que o êxito financeiro compensa a derrota emocional e as frustrações da repressão sexual.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GERBASE, Carlos. O corpo feminino no cinema: entre a fascinação vital e o pecado mortal. Ver. **Comunicação & Informação**, v. 11, n.2, jul-dez, 2008.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOODMAN, Paul. **Pornografía y revolución sexual**. In: Ensayos Utópicos. Barcelona: ediciones península, 1973